



A PSICOGÊNESE E A SOCIOGÊNESE NAS OBRAS DE NORBERT ELIAS E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

Sergio Servulo Ribeiro Barbosa, doutorando em Educação (UNIMEP) -

barbosa@unitri.edu.br

Resumo

O presente artigo tem como temática a psicogênese e a sociogênese na obras de Norbert Elias e a sua relação com a educação no processo civilizatório. O objetivo deste texto é compreender como o pensamento de Elias pode permitir pensar a educação escolarizada, a partir da teoria dos processos civilizadores, ressaltando a importância da escola como agência de modelação do comportamento das pessoas e que vai ser bastante difundida no ocidente a partir do século XVII. Para empreender este estudo nos reportaremos também a Brandão (2000) e (2003) em dois trabalhos que vão discutir estes dois conceitos formulados por Elias e que são conceitos basilares na construção da teoria dos processos civilizadores. Outro fator que gostaríamos de realçar é sobre a importância da escola ao longo do processo civilizatório ocidental, principalmente a partir da sociedade burguesa. A escola vai assumir papéis de modelação do comportamento dos alunos em várias sociedades humanas, em substituição a outras pessoas ou instituições, com este papel cada vez mais significativo, torna-se imperioso que os pesquisadores do fenômeno educativo lancem mão de teorias de cunho psicológico, sociológico, antropológico e outros, para em contraposição aos dados empíricos possamos compreender melhor este processo, principalmente em assuntos que afligem os pesquisadores na área da educação como a disciplina, a violência na escola e outros problemas relativos a educação escolarizada.

Palavras-chave: Processo civilizador; psicogênese; Educação.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como temática a psicogênese e a sociogênese na obras de Norbert Elias e a sua relação com a educação no processo civilizatório. Os termos psicogênese e sociogênese se referem a dois processos que ocorrem de modo recíproco no interior dos processos históricos de longa duração e vão se relacionar a mudanças no comportamento dos indivíduos que vão se amoldando e se modificando de acordo com a mudança dos fatos históricos e sociais, empreendidas no interior das sociedades.

Algumas evidências sobre a psicogênese dos processos civilizatórios de Norbert Elias estão inicialmente explicitados nos dois volumes do seu livro O Processo Civilizador (Cf. ELIAS, 1993 e 1994), nestas obras o autor têm como preocupação essencial em construir uma teoria tendo como base os dados empíricos apresentados no volume um e na

primeira parte do volume dois, dos livros mencionados, buscando compreender, a partir de um modelo teórico, como se desenvolve no curso da história humana o autor chamou de processo civilizador e como este processo altera o desenvolvimento do aparelho psíquico humano.

O objetivo deste texto é compreender como o pensamento de Elias pode permitir pensar a educação escolarizada, a partir da teoria dos processos civilizadores, ressaltando a importância da escola como agência de modelação do comportamento das pessoas e que vai ser bastante difundida no ocidente a partir do século XVII, juntamente com a consolidação dos estados nacionais e passa a ser responsável por funções que em outros períodos históricos coube a família e a própria sociedade.

Embora Norbert Elias tenha deixado um vasto acervo de obras, que vão abarcar vários e diversos temas, no entanto, a educação infelizmente não se encontra entre estes temas abordados. Isto aparentemente pode ser uma dificuldade, mas acaba se tornando um desafio ao utilizar as teorias desenvolvidas pelo autor como um instrumental teórico que possa ajudar-nos a compreender o fenômeno educativo.

Para empreender este estudo nos reportaremos também a Brandão (2000) e (2003) em dois trabalhos que vão discutir estes dois conceitos formulados por Elias e que são conceitos basilares na construção da teoria dos processos civilizadores. O primeiro se reporta a sua tese de doutoramento intitulada de A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese(2000), e o segundo intitulado de Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização (2003), onde o autor citado acima, vai discutir a teoria elisiana.

A PSICOGÊNESE E A SOCIOGÊNESE NA OBRA DE NORBERT ELIAS

Para Brandão (2000) este entrelaçamento entre Psicogênese e Sociogênese é explicitado em várias obras de Elias, mas certamente com maior ênfase no livro O Processo Civilizador e diz respeito à relação entre duas dimensões: as transformações do comportamento humano e das estruturas de personalidade dos indivíduos (a psicogênese) e a uma teoria do desenvolvimento social, do desenvolvimento do estado e das nações (a sociogênese).

A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem. (BRANDÃO, 2000, pp.10-11)

Embora estas duas “dimensões” se apresentem separadas, existe um entrelaçamento entre a Psicogênese e a sociogênese e que segundo WAIZBORT (1999) citado por BRANDÃO (2000, p. 11) formam uma “conjunção original de perspectivas micro e macrossociológicas” e que somente podem ser compreendidas de forma relacional e dinâmica. Outros conceitos também são discutidos por BRANDÃO (2000) em sua tese e que revelam serem importantes na compreensão dos conceitos de psicogênese e

sociogênese citados acima, estes termos são os conceitos de figuração (ou configuração) e interdependência.¹

Em relação ao conceito de figuração este se refere “à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”, sendo que as ações de um conjunto de “pessoas interdependentes interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, tais como relações de força, eixo de tensão, sistemas de classes e de estratificação, desportos, guerras e crises econômicas” (ELIAS e DUNNING, 1992) citado por BRANDÃO (2000, p. 83).

Brandão (2000) também entende este conceito a partir da análise das relações e funções sociais, numa situação em que formam um conjunto de relações interdependentes, que unem os indivíduos entre si e estabelecendo uma dada formação de pessoas. Estas formações por sua vez, se ligam a formações mais amplas também interdependentes entre si, formando o que Elias chama de figuração. Importante salientar que em cada momento histórico específico vamos encontrar figurações também específicas a aquele momento histórico.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é que Elias vai enxergar neste conceito que os seres humanos não são unidades autônomas ou independentes, ou seja, indivíduos (na concepção clássica da palavra), mas seres humanos que necessitam um dos outros, dependentes e ligados reciprocamente de modo bastante diversos (BRANDÃO, 2000).

Brandão (2000) afirma que para Elias, a sociedade é a maior expressão do conceito de figuração, ficando bem claro que dentro desta grande figuração vamos encontrar figurações menores, mais precisas como os conceitos de classe e das relações sociais entre grupos.

O conceito de interdependência proposto por Elias se refere ao conceito de sociedade na medida em que este relaciona que cada indivíduo “é tributário desde a infância de uma multidão de indivíduos interdependentes” que se relacionam de maneira ou não intencional, de modo que, a tarefa da sociologia configuracional é compreender de que maneira e por quais razões os homens se unem entre si e formam grupos dinâmicos e específicos em seu conjunto. (BRANDÃO, 2000)

Brandão (2000) afirma que as relações de interdependência apresentam duas características que devem ser salientadas: quando as relações de interdependência são intencionais elas podem apresentar conseqüências não intencionais, não planejadas, pois, do entrecruzar de ações de muitas pessoas emergem resultados que ninguém planejou e a segunda característica é que dessas relações de interdependência intencionais podem ter sido originadas de relações de interdependência humanas não intencionais.

Brandão (2000) citando Elias (1980) afirma ‘que o campo de investigação da sociologia é composto pelos processos e estruturas de interpenetração’ e pelas ‘configurações formadas pelas ações de pessoas interdependentes, em resumo, pelas sociedades’. (p.87)

Os conceitos de relação de interdependência e de figuração somente podem ser entendidos a partir da discussão que Elias faz da teoria da história, quando vai analisá-la em relação quanto a sua direção a priori, pré-determinada. Neste sentido BRANDÃO (2000) passa a discutir a teoria da história utilizada por Elias, se contrapondo a duas

¹ Em relação aos termos figuração ou configuração ver nota explicativa em BRANDÃO (2000, p.12).

correntes de análise histórica: o relativismo histórico e o “estatismo” histórico. Elias define o relativismo histórico como método de análise histórica, que enxerga apenas a transformação constante, sem chegar a ordem subjacente a esta transformação e as leis que governam a estrutura histórica’ e por “estatismo” histórico como método de análise histórica que tende a descrever todos os movimentos históricos como algo estacionário e sem evolução’.(p. 88)

Em contraposição a estas duas posições Elias aponta uma terceira que busca revelar a ordem subjacente às mudanças históricas, sua mecânica e mecanismos concretos’. (BRANDÃO, 2000, P. 88) Neste sentido a opção de Elias é pelo método histórico da longa duração. E adiante cita o próprio Elias ao afirmar que “algumas transformações sociais só acontecem – quando acontecem – após um desenvolvimento que abarque várias gerações”. (idem, p.89)

Em relação a um sentido para a história, Elias compactua com a idéia da existência de um sentido para a história, só que, no entanto, este sentido é sempre a posteriori, quando da análise dos acontecimentos históricos passados, não sendo admitido a idéia de uma existência de sentido enquanto uma direção intencional de história.

Quando afirma que muito do que fizemos é cego, sem finalidade e involuntário’, Elias apenas está explicitando a idéia de que as figurações formadas, pelos e entre os indivíduos na sociedade, são processos não planejados nem intencionais. As relações de interdependência, que emergem dessas figurações, podem até serem intencionais, mas, mesmo assim, poderão produzir conseqüências não intencionais, ou terem sido originadas de outras interdependências humanas não intencionais. (BRANDÃO, 2000, P. 91)

Dentro desta perspectiva segundo Elias (1993), a teoria dos processos de civilização se estrutura em não separar as transformações gerais sofridas pelas sociedades e as alterações ocorridas nas estruturas de personalidade dos indivíduos que a formam, visto que a relação entre esses dois tipos de alterações é uma relação de correspondência mútua, sendo impossível pensar os conceitos de indivíduo e de sociedade como categorias conceituais separadas ou antagônicas.

Como estas transformações, tanto no sentido da psicogênese quanto da sociogênese são em longo prazo é que a sua perspectiva faz opção pela longa duração, sendo fundamental na teoria de Norbert Elias, sendo que o cientista social é o “*encarregado de investigar os processos sociais de longo curso, visto que, como já demonstramos, Elias entende que algumas transformações sociais, e especialmente, os processos de civilização, só podem acontecer quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações*” (BRANDÃO, 2000, P.94)

A PSICOGÊNESE NA OBRA DE NORBERT ELIAS

Brandão (2000) tem como objeto de pesquisa a relação entre as modificações ocorridas nas estruturas das sociedades modificam a estrutura e personalidade de seus membros e vice-versa, estabelecendo uma correspondência entre a psicogênese e a sociogênese, indicando que o controle de suas emoções, produzem e levam os indivíduos a um autocontrole sobre os seus comportamentos.

Ainda segundo Brandão (2000) o caminho percorrido por Elias para descrever a teoria dos processos de civilização no estudo empreendido por ele tem início na sociedade guerreira, passando pela sociedade feudal e pela sociedade de corte absolutista e termina no advento da sociedade burguesa. Este foi o recorte por ele utilizado, o que logicamente não ocorreu de maneira homogênea ou em linha reta, mas constituído de flutuações bem como de avanços e recuos, como o próprio Elias afirma de processos de civilização e descivilização. E é neste recorte que o autor vai tentar entender os processos de psicogênese e sociogênese e como o controle das emoções passa a ser fator determinante neste processo.

Esse mesmo processo de civilização possui uma direção específica, porém essa direção não é perceptível para os próprios indivíduos que participam desse processo. Tal direção só se torna perceptível a posteriori, como resultado da utilização de um método de análise histórica é sociológica, no qual a observação dos dados empíricos de uma dada figuração social é vistos – e analisados – tomando-se como referência um grande espaço temporal, ou seja, dentro de uma perspectiva de longa duração.

Quando olhamos os processos de civilização, utilizando-se dessa perspectiva de longa duração, percebemos que o mesmo possui dois eixos centrais, a psicogênese e a sociogênese... ..assim como a relação desses conceitos com a idéia de controle das emoções. (BRANDÃO, 2000, p. 118)

Brandão (2000) ao discutir sobre a temática da psicogênese e o controle das emoções no contexto dos processos de civilização, afirma que, Elias tem como objetivo “estudar a formação e as alterações da estrutura psicológica individual, ou processo de civilização individual, o qual, por sua vez, é fruto de `um processo civilizador social operante durante muitos séculos`, a que todos os jovens `são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso”.(p.121)

Segundo Brandão (2000) nenhum ser humano chega civilizado ao mundo, recebendo as influências da figuração social em que a criança se encontra mediatizado tanto no plano individual pela psicogênese e no plano social pela sociogênese. Desta forma a teoria dos processos de civilização é “pautada por três níveis de relações estabelecidas pelo ser humano: para com a natureza, para com seus semelhantes sociais e para consigo mesmo. Esses três níveis de relações exigem cada qual, um tipo específico de controle”. (p.121)

Quando visto como um processo de desenvolvimento do indivíduo, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica’. Tais mudanças apesar de não terem sido intencionais ou planejadas, não implicam uma `mera seqüência de mudanças caóticas’. Para explicitar a sua teoria dos processos de civilização, Elias discute as relações sociais existentes nas sociedades guerreira, feudal, de corte absolutista, terminando com o advento da sociedade burguesa, sempre mostrando as relações de correspondência ocorridas entre as transformações sociais e as alterações na estrutura psicológica dos indivíduos dessas sociedades. (BRANDÃO, 2000, p.122)

À medida que as sociedades caminham para um grau maior de pacificação interna, as pessoas acabam por se verem obrigadas a ter que conviver pacificamente com as outras, levando as pessoas a agir diante das pessoas de uma determinada maneira, sendo observados e observando o comportamento de outras pessoas, a partir do controle social, alterando o código de conduta, ou padrão de comportamento, das pessoas de uma maneira

lenta, transformando o próprio policiamento do comportamento das pessoas e forçadas a conviver desta maneira, tiveram seus comportamentos modelados pela conduta das pessoas.

A compulsão em policiar o próprio comportamento é o que Elias chama de controle das emoções, ou controle dos impulsos e das paixões, dos indivíduos. Esse controle das emoções, nas diferentes esferas da vida cotidiana, tem duas faces. A primeira de duas faces será o fato de esse controle constituir-se num dos resultados visíveis, entre muitos possíveis, do que ele chama de processos de civilização. A outra face, segundo Elias, é o que mesmo controle também será um dos elementos propulsores mais importantes desses mesmos processos de civilização. O autocontrole, por sua vez, é a forma que o controle dos impulsos e das paixões assume, quando já está internalizado no indivíduo. (BRANDÃO, 2000, p. 123)

Segundo Brandão (2000) a sociedade pacificada, onde o monopólio da violência física já permeia as relações sociais, ocorre o que Elias denomina de ‘compulsão desarmada’ ou ‘compulsão real’, onde os impulsos são direcionados para o autocontrole que foi efetivado a partir das diversas formas de limitações, que conduzem os indivíduos a uma constante visão “retroativa e prospectiva” de seus comportamentos, exigindo um controle dos impulsos emocionais tendo em vista os efeitos de longo prazo dos atos comportamentais. De acordo com o autor, esta visão retroativa é determinada pela experiência visualizada pelos indivíduos no comportamento social de outros indivíduos e na visão prospectiva é determinada com as possíveis conseqüências do comportamento em relação aos seus atos possam acarretar dentro do conjunto da sua vida social. (pp.123-124)

O aumento do controle do indivíduo sobre os seus próprios atos sociais na forma de autocontrole vai ser cada vez mais importante para a vida em sociedade. Isto se evidencia na moderação das emoções espontâneas, no controle dos sentimentos, e na ampliação do espaço de reflexão para além do presente, mais a possibilidade de ligar os fatos a relações de causa e efeito, leva a uma transformação na conduta dos seres humanos numa direção civilizadora do comportamento. Elias denomina de padrão de comportamento como um “conjunto de regras presentes em nossa estrutura psicológica e de práticas cotidianas de convívio social. O padrão de comportamento produz, por sua vez, patamares para as emoções humanas, acima dos quais, sentimentos como a vergonha, o embaraço e a repugnância, por exemplo, se explicitam.” (BRANDÃO, 2000, p. 125).

O padrão de comportamento de uma dada sociedade é explicitado pelos seus costumes, o qual pode entender como códigos específicos de comportamento. Tais códigos surgem, inicialmente, em uma determinada classe social, geralmente a classe social dominante, expressando a sua auto-imagem. Progressivamente, esses códigos disseminam-se por extratos sociais cada vez mais amplos. Concomitantemente à difusão desses códigos, construindo um padrão psicológico moldado ‘sob pressão da tradição institucionalizada e da situação vigente’. (BRANDÃO, 2000, p.125)

De acordo com Brandão (2000) na sociedade moderna, com a ascensão da burguesia enquanto classe superior, a família se torna a única instituição que detém a função de estabelecer o controle dos impulsos. Sendo que é na infância que este controle das emoções se inicia, na medida, que o padrão de conduta dos membros adultos da sociedade é transferido para as crianças, desde os primeiros dias de nascimento, sendo assimiladas por completo pelas mesmas, fugindo a qualquer controle do nível da consciência. A partir deste momento a família ganha importância como tendo a função de controladora dos instintos de suas crianças, visto a dependência social da criança em

relação inicialmente à regulação e a modelagem requerida dos impulsos e das emoções. “*O conjunto formado pela pressão social, pela dependência da criança em relação aos adultos e pelo papel regulador e modelador da família, é que determinará, por exemplo, os patamares de vergonha repugnância e embaraço de cada sociedade,*” (p. 126) sendo aceito como natural pela geração mais antiga, que já internalizou tais padrões de comportamento.

A pressão sobre as crianças, que não nasceram com os sentimentos que compõem o padrão de conduta e nem munidas com o seu próprio padrão de comportamento, faz com que desde cedo estes impulsos sejam controlados. Em consequência dessas pressões as crianças esquecem ou reprimem os seus impulsos e sentimentos. Estes impulsos e sentimentos são moldados e conformados a certos padrões de pressão e compulsão externas, gerando comportamentos que aparentemente parece pessoal e natural. (BRANDÃO, 2000)

Brandão ao discutir sobre o distanciamento e a diferenciação entre o padrão de comportamento de adultos e crianças é explicitado na seguinte citação:

Atualmente, o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, à censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num ‘ambiente decente’. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como ‘doente’, ‘anormal’, ‘criminosa’, ou simplesmente ‘insuportável’, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência excluída da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos ‘doente’, ‘anormal’, ‘criminoso’ não têm, dentro de certos limites, outro significado. O modo como são compreendidos varia de acordo como os modelos historicamente mutáveis da formação dos afetos. (ELIAS, 1994b apud BRANDÃO, 2000, p. 128).

Para Elias, quanto mais à sociedade aumenta a pressão para o ‘controle, a restrição e o ocultamento de ardores e impulsos’ sobre os indivíduos, mais aumenta a importância do papel da família, na tarefa de instituir os hábitos e comportamentos requeridos pela sociedade, incluindo os patamares de vergonha e repugnância, de modo que as palavras e as condutas associadas a estes patamares são muito cedo associadas através do desagrado e desaprovação, mais ou menos suave, por parte dos pais, fazendo que este padrão social de vergonha e repugnância seja assimilado gradualmente pelos filhos, formando a base e o contexto dos diversos impulsos individuais das pessoas. (BRANDÃO, 2000)

Elias aponta também que os padrões de conduta atuam de forma diferenciada conforme a sociedade, atualmente, percebe-se impulsos ligados à sexualidade e a agressividade seja reprimida de maneira mais rigorosa, estes impulsos e sentimentos são ligados ao embaraço, à vergonha ou à culpa. Isto é tão forte que acontece mesmo quando o indivíduo esta sozinho, constituindo o que se pode chamar de autocontrole. Este autocontrole inicialmente se dá por restrição externa e vai aos poucos sendo reproduzido internamente de maneira mais suave, eliminando aos poucos os comportamentos indesejáveis da consciência e formando os nossos padrões de comportamento. (BRANDÃO, 2000)

Segundo Elias, o processo de desenvolvimento do autocontrole nos indivíduos acompanha as transformações ocorridas no desenvolvimento das sociedades. Um dos motivos, por ele apontado, para o aumento do nível de autocontrole foi a pressão da competição pelas diversas funções sociais. Na medida em que a sociedade se diferenciava, aumentava o número de funções sociais e o grau de dependência entre as pessoas, fazendo com que estas, cada vez mais, pautassem a conduta e os hábitos umas em relação às outras. Para Elias, o autocontrole passou a fazer parte da personalidade do indivíduo na medida em que 'o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde os primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. (BRANDÃO, 2000, p.135)

Segundo Brandão (2000) a internalização do autocontrole foi um processo crescente e que foi progressivamente se transformando de um processo inicialmente consciente para um processo inconsciente, pela diferenciação dos impulsos causada pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento das cadeias de interdependência.

Com o aumento das cadeias de interdependência e a diferenciação de funções na sociedade moderna, bem como a impossibilidade da família (dentro dos moldes burgueses) de ser a única agência social de transformação das pulsões e dos afetos, é que a escola passa a ser importante neste processo.

A SOCIOGÊNESE NA OBRA DE NORBERT ELIAS

A sociogênese é outro conceito central da teoria dos processos de civilização de Norbert Elias e que estabelece correspondência recíproca ao conceito de psicogênese. Em outras palavras, a sociogênese aborda as transformações sociais que vão refletir nas estruturas psicológicas dos indivíduos, de maneira a influenciar e modificar as mesmas.

Segundo Brandão (2000) para evidenciar estas relações Elias vai utilizar como exemplo a formação dos Estados Nacionais europeus a partir de uma abordagem que vai considerar o percurso tomado por estas sociedades a partir da sociedade guerreira, passando pela sociedade Feudal, sociedade de Corte e sociedade Burguesa, procurando mostrar as correlações entre as transformações sociais ocorridas nesses agrupamentos e as alterações na estrutura psicológica dos indivíduos dessas mesmas sociedades.

Somente quando as sociedades conseguem atingir um razoável grau de pacificação interna, a partir do estancamento do que Elias chama de forças centrífugas, é que os contornos, daquilo que mais à frente será chamado de Estado nacional, começam a se delinear. Grosso modo, sem que isto signifique a eleição de uma causa inicial, Elias considera que a progressiva troca de práticas econômicas, de uma economia de troca para uma economia monetária, foi um dos principais elementos que, gradualmente, permitiu a formação dos primeiros exércitos nacionais, os quais, ao garantirem a consolidação de territórios, contribuíram para que houvesse períodos, cada vez maiores de relativa paz. (BRANDÃO, 2000, p. 161).

Com a formação dos exércitos nacionais, o soberano passa a estabelecer dois tipos de monopólio, o monopólio do uso da violência física e o monopólio da tributação dos impostos. Com isto o Estado passa a centralizar estas duas ações e ao mesmo tempo garante os recursos econômicos e financeiros, bem como também permite a pacificação interna da nação, para a sua própria sobrevivência enquanto Estado. Estes fatores (bem como outros) vão permitir segundo Elias (1993) a constituição dos Estados europeus.²

Um aspecto importante que deve ser ressaltado é que a pacificação interna das sociedades pressiona os indivíduos a conviver pacificamente, e esta pressão age na transformação da suas maneiras de agir, sobre o seu comportamento, criando o que Elias vai chamar de controle social.

A partir desse controle social, o código de conduta, ou padrão de comportamento, das pessoas, é alterado lentamente, aumentando a necessidade de vigiar o seu próprio comportamento e modelando sua conduta através de controles mais elaborados e sutis. Essa necessidade em policiar o próprio comportamento é o controle das emoções, o qual se transforma, assumindo uma nova forma, em autocontrole, quando já está internalizado na pessoa. (BRANDÃO, 2000, p. 171)

Destaca ainda que a partir de uma visão retroativa e prospectiva das conseqüências do seu comportamento, vai levar a um sentimento de previdência, ou seja, os indivíduos vão ter que se controlarem os seus impulsos emocionais em função das conseqüências dos seus próprios comportamentos, apontando para “uma mudança civilizadora do comportamento”. (BRANDÃO, 2000)

Neste sentido, vale destacar que o nível de controle das emoções vai crescendo à medida que as sociedades vão “evoluindo”, na sociedade guerreira este controle era mais baixo que na sociedade de corte feudal, dado o nível de pacificação deste momento histórico. Assim como desta para a sociedade burguesa, embora saibamos que Elias não dá um caráter evolucionista ao processo civilizatório, visto que vamos encontrar em muitos momentos históricos vamos encontrar processos de descivilização.

Enquanto modificação da estrutura da personalidade dos indivíduos, o aumento no nível de controle dos impulsos individuais pode ser explicitado pelo controle exercido pelo Estado sobre o indivíduo, através de suas leis, ou também, pelo controle exercido por outros indivíduos dentro do convívio social, ou ainda, o controle exercido pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, o chamado autocontrole.

O processo de instalação e de desenvolvimento do autocontrole nos indivíduos acompanha as transformações ocorridas no desenvolvimento das sociedades. Um dos motivos apontados por Elias para o aumento do autocontrole foi à pressão da competição pelas diversas funções sociais. Na medida em que a sociedade se diferenciava, aumentava o número de funções sociais e o grau de dependência entre as pessoas, fazendo com que estas, cada vez mais, pautassem a sua conduta e seus hábitos em relações às outras. (BRANDÃO, 2000, P.173)

Este processo de controle da conduta dos indivíduos passa a ser cada vez mais induzido, ocorrendo desde os primeiros anos de vida, na própria infância, de uma maneira irresistível, de um processo que parte de ações conscientes de autocontrole que passam a ser internalizadas de maneira inconsciente, automática. Esta mudança na estrutura da personalidade dos indivíduos vai se constituindo como traços de personalidade que passam

² Nesta discussão sobre a formação dos Estados nacionais, vamos perceber uma influência do sociólogo alemão Max Weber. A este respeito ver BRANDÃO (2000) a partir da página 167.

a ser característicos de um dado momento histórico. Este processo vai modelar o comportamento das pessoas a partir de vários elementos citados anteriormente³, elementos sociais que vão modificar comportamentos dos indivíduos num nível psicológico.

A RELAÇÃO ENTRE PSICOGÊNESE E EDUCAÇÃO

Elias(1993) mostrou como foi necessário aos indivíduos o controle das pulsões e das paixões para a vida em sociedade e conseqüentemente uma mudança na psicologia dos mesmos, já que as pessoas tinham que se adaptar a uma sociedade onde o monopólio da força física e o controle da violência já estão de certa forma garantida e a satisfação dos desejos poderiam ser adiadas e mesmos reprimidos. Com isto, novas configurações psíquicas vão ser “criadas”, a partir da necessidade daquele momento histórico. A formação de um superego mais forte e de um controle mais rigoroso do id vai possibilitar uma racionalização crescente e um domínio maior das pulsões.

Nos dizeres do autor:

“Decisivos para a pessoa, como ela se nos apresenta, não são nem o ‘id’ sozinho nem o ‘ego’ ou o ‘superego’, apenas, mas sempre a relação entre esses vários conjuntos de funções psicológicas, parcialmente conflitantes e em parte cooperativas, na maneira como o indivíduo dirige sua conduta. São elas, essas relações dentro do homem entre as paixões e sentimentos controlados e as agências controladoras construídas, cuja estrutura muda no curso de um processo civilizador, de acordo com a estrutura mutável dos relacionamentos entre seres humanos individuais na sociedade em geral, que têm importância.” (Elias, 1993, p.237).

Outros dois agentes de modelação da economia das pulsões também discutidos pelo autor, são a vergonha e a repugnância ou embaraço que de uma maneira produz um forte impulso na racionalização e conseqüentemente na psicologia e no comportamento das pessoas, demonstrando empiricamente que restrições crescentes à classe alta, mais precisamente pressões crescentes a partir de baixo – onde observa os fatores que vão, de certa forma fazer com que as camadas baixas e posteriormente a burguesia pressionam as camadas altas e nobres, fazendo com que as mesmas modifiquem os seus padrões de conduta, utilizando os mesmos como elemento de distinção de classe. Quanto mais refinado e polido, mais civilizado.

O processo civilizador não apresenta um sentido no seu desenvolvimento, pois ainda estão em curso e que são de difícil previsão, já que são planos “cegos”. Mas que existe uma relação entre as mudanças na organização das sociedades e na personalidade dos indivíduos, gerando formas específicas de comportamento em diferentes momentos históricos e que em parte isto é gravado nas pessoas desde a sua mais tenra infância, sob um controle social poderoso e que são construídos sobre medos e coerções, que modelam o comportamento de todos. Nesse sentido, o autor afirma:

³ Entre estes elementos temos a “monopolização da força física, a estabilidade dos órgãos centrais da sociedade e a crescente divisão entre vida pública e privada”(BRANDÃO, 2000, p. 174)

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas anteponham limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo. (Elias, 1994 b, p.270).

Não podemos negar que haja um desenvolvimento no psiquismo dos seres humanos ao longo do processo histórico das sociedades, com certeza diferimos do ponto de vista emocional de pessoas que viveram em outras sociedades humanas em outros períodos históricos. Não podemos dizer que Elias tentou produzir uma teoria das emoções, mas tenta explicar a partir de vários aspectos que compõem o processo civilizatório como se deu este desenvolvimento no ocidente e com certeza as emoções e todo o aparelho psíquico teve que se moldar a estas mudanças, se reprimindo ou contendo algumas emoções, liberando outras manifestações de acordo com o conjunto de regras de condutas determinadas socialmente.

Daí a importância da educação escolarizada nas sociedades modernas, pois esta vai se constituir como elemento de amoldamento de comportamentos desejáveis e como extinguidora de comportamentos indesejáveis (isto nem sempre acontece), reproduzindo o que a sociedade (ou melhor, dizendo, as elites⁴) espera das pessoas na vida em sociedade.

Esta educação escolarizada vai assumindo um espaço cada vez maior na medida em que a família deixa de assumir certas tarefas no cuidado das crianças, visto que a mesma é a mais importante de todas as influências na formação da personalidade e a instituição escolar vai assumir este papel deixado pela família, contudo, não podemos negar que a família e principalmente os pais vão influenciar os filhos, de certa maneira as crianças aprendem tanto as atitudes gerais como as respostas específicas, usando os pais como modelos. No processo de moldagem, as crianças imitam muitas das características da personalidade de seus pais inclusive também nos padrões morais e culturais. Os pais são os primeiros agentes de socialização das crianças, na medida em que os pais vão assumindo outras tarefas na sociedade, é que a tarefa de educar vai ganhando uma diferenciação mais acentuada e a importância da escola vai aumentando.

Portanto, mesmo não separando civilização de cultura, este(s) conceito(s) são algo superior à idéia de Educação, principalmente quando pensamos na Educação formal. A escola é apenas uma das instituições criadas socialmente para a transmissão dos saberes e produções humanas, embora ganhem papel importante ao longo do processo histórico.

Gebara (1998) aponta também como contribuição do uso da sociologia figuracional o estudo do fenômeno educacional no processo de longa duração na Europa citando os estudos de Vries (1994) onde o autor analisa o sistema educacional em seu crescimento e limitações em sociedades escolarizadas, possibilitando várias abordagens para a História da Educação, observa também aspectos ligados à expansão das possibilidades educacionais possibilitados pelas elites políticas que vão propiciar a unificação das nações européias, “*o fortalecimento de sua posição interna, a disciplinarização das classes inferiores, e a busca da modernização econômica.*” (p.148)

Para finalizar, gostaríamos de citar um trecho de um artigo de Gebara (1998) sobre a contribuição da teoria de Norbert Elias na Educação, que de certa maneira resume muito

⁴ - O termo elite possui um sentido amplo, neste contexto vai assumir o sentido de elites políticas e econômicas.

do pensamento daqueles que idealizam novas possibilidades metodológicas nesta área, que se distancie de possibilidades mais tradicionais. Assim destaca o autor:

“A grande contribuição de Elias desenrola-se na questão central para a Educação: é possível estabelecer relações entre mudanças de longo prazo que se verificam tanto na sociedade quanto nas estruturas de personalidade? Evidências empíricas não serão satisfatórias, por melhor que se possa trabalhar um volume infinito de fontes, para responder a essa questão; aí, sim, temos um trabalho metodológico novo e criativo. Elias buscou, diante da impossibilidade das evidências satisfatórias, estabelecer ligações entre fatos, de tal maneira a apontar as mudanças de longa duração, tanto nas pessoas quanto nas estruturas. Foi talvez dos primeiros autores a valorizar o cotidiano, os costumes, o corpo, entre outros aspectos do homem vivendo em sociedade...” . (GEBARA, 1998, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o texto possui muitas lacunas que serão preenchidas no continuar desta pesquisa, contudo esperamos ter sido elucidativos em alguns aspectos levantados no texto, realçamos que estas considerações são parciais. Em primeiro lugar gostaria de ressaltar a influência da obra de Freud sobre a teoria de Norbert Elias, principalmente no que se diz respeito à psicogênese do comportamento dos seres humanos. Neste sentido podemos de certa forma, tecer algumas críticas a teoria elisiana no que se refere à psicogênese, pois Elias não se refere detalhadamente sobre este processo, recorrendo a conceitos freudianos da segunda tópica (ego, id e superego), para explicar a partir da dinâmica destas estruturas o comportamento das pessoas. Embora não haja um consenso entre os autores que trabalham com a teoria elisiana sobre esta influência, acreditamos que ela é clara.

Neste sentido, o autor não explicita de maneira mais específica como este processo ocorre internamente no interior do psiquismo humano, e desta forma, os pesquisadores e autores que trabalham com a sociologia figuracional acabam por cometer o mesmo erro, de não conseguir explicar de maneira mais aprofundada os processos da psicogênese e a sua influência na transformação do comportamento dos indivíduos

Outro fator que gostaríamos de realçar é sobre a importância da escola ao longo do processo civilizatório ocidental, principalmente a partir da sociedade burguesa. A escola vai assumir papéis de modelação do comportamento dos alunos em várias sociedades humanas, em substituição a outras pessoas ou instituições, com este papel cada vez mais significativo, torna-se imperioso que os pesquisadores do fenômeno educativo lancem mão de teorias de cunho psicológico, sociológico, antropológico e outros, para em contraposição aos dados empíricos possamos compreender melhor este processo, principalmente em assuntos que afligem os pesquisadores na área da educação como a disciplina, a violência na escola e outros problemas relativos a educação escolarizada.

No caso da Educação brasileira como a teoria figuracional de Norbert Elias poderá contribuir para uma melhor compreensão do processo educacional de nosso País, principalmente no que se refere a história da educação no Brasil, já que com certeza a teoria de Elias poderá com novas propostas metodológicas explicar mais adequadamente o fenômeno educacional.

Referências

BARBOSA, S.S.R. Esporte e Emoção: contribuições da teoria de Norbert Elias para a compreensão desses fenômenos. ANAIS DO 7º Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação. Piracicaba : UNIMEP, 2003.

BRANDÃO, C. F. A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese. (Tese de Doutorado) Marília, S.P. : Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

_____. Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização. Petrópolis, R.J. : Vozes, 2003.

ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes.1 Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994. Volume um

_____. O processo civilizador: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1993. Volume dois

FREUD, S. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro : Imago, 1997.

GEBARA, A. Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a história da educação. Revista Comunicações, Piracicaba, S.P. ano 5, n. 2, pp. 140-150, nov. de 1998.

GODSBLOM, J. O processo civilizador e a domesticação do fogo. Journal of World History, vol. 3, n.I – 1992, University of Hawaii Press.

HALL, C.S. & LINDEZEY, G. Teorias da Personalidade. 2 ed. São Paulo : EPU, 1995.

HEINICH, N. A Sociologia de Norbert Elias. Bauru, S.P. EDUSC, 2001.

KRIEKEN, R.V. Norbert Elias. London, Routledge, 1998.